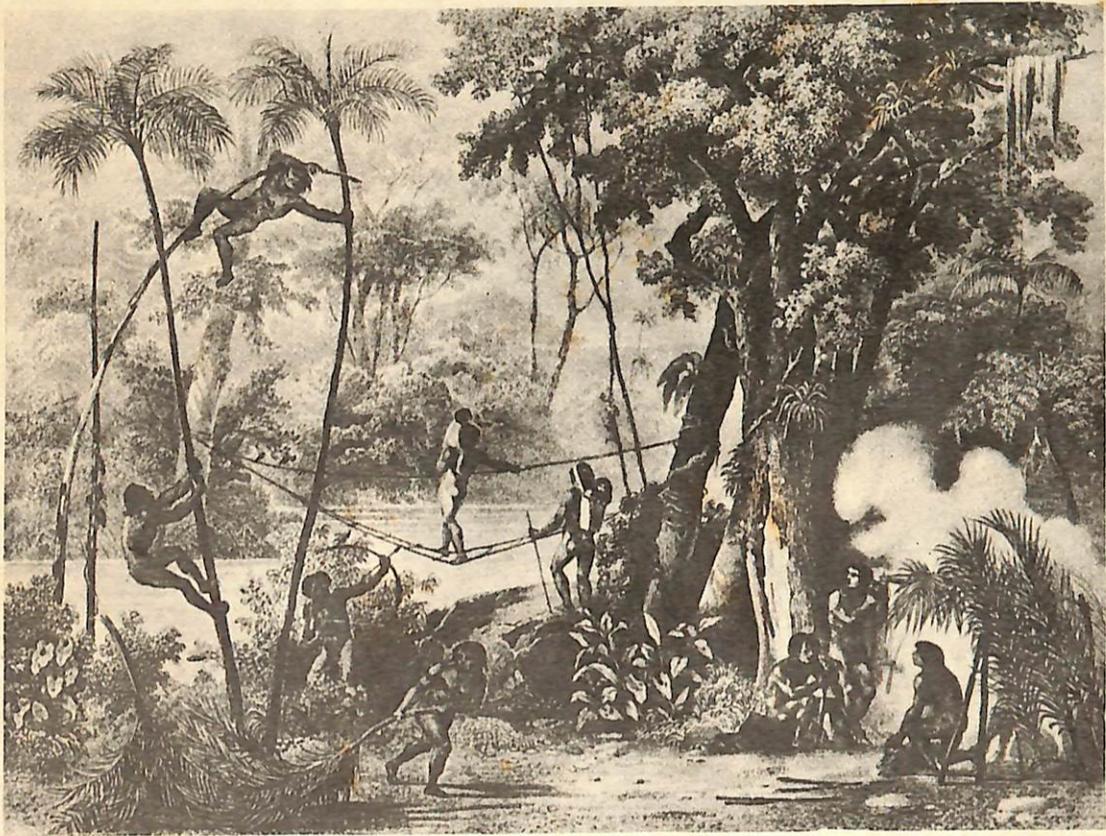


INGLATERRA FAZ CONTRABANDO NO BRASIL

491
12.2631

BIBLIOTECA CULTURAL



Um excelente flagrante da vida dos brasileiros na selva. Sua agilidade se comprova nessa travessia de um rio sobre uma ponte de cipó. Até as mulheres transportam crianças nos ombros ou nas costas.

São escassas e difíceis as notícias do Brasil. Os poucos despachos recebidos de nossos correspondentes, sucursais e enviados especiais, dão conta dos seguintes fatos: 1) — Pirataria e contrabando praticados por navios ingleses; 2) — Duarte Coelho não está procurando ouro; 3) — Presença de criminosos homiziados; 4) — Agravamento da crise em Pôrto Seguro, e 5) — Progresso econômico em Pernambuco e S. Vicente.

As notícias se encontram na página 2.

Complô no Peru: MORRE PIZARRO GRITANDO: JESUS!



Num raro e extraordinário flagrante, nosso correspondente em Lima fixou para a posteridade o momento exato em que os "almagristas" liquidavam ferozmente Pizarro e seus companheiros. Leia na pág. 5 a sensacional reportagem sobre os graves acontecimentos ocorridos no Peru.

SENSACIONAL E CURIOSO DOCUMENTO

Handwritten text in German script, likely a reproduction of a historical document.

Num extraordinário esforço de reportagem, O BRASIL EM JORNAL conseguiu o original de uma carta enviada pelo líder reformista Martinho Lutero a sua esposa D. Catarina, Luderin de Bora.

É um documento bastante interessante e que reflete em suas linhas, escritas do próprio punho de Lutero, o estado de espírito daquele líder frente às lutas religiosas da Europa de nossos dias.

Eis a tradução do texto integral que reproduzimos: — «Graça e paz. Querida Catarina: Mando-vos Urbino com esta carta para que não vos assusteis se chegar a vossos ouvidos algum rumor de «turcos». Admiro-me que não me tenhais escrito, sabendo que estamos com receio por vós, pois Meints, Heintz e muitos da nobreza são inimigos nossos.

Comprei e trazei o que puderdes e vendei a casa. Pelo que me parece vão chover inmundícies e Deus castigará nossos pecados com a fêrula da Sua ira. A mando de Deus, Amém.

Domingo, 18, setembro, 1541. ass.) M. Lutero.»

Urbino foi o fiel portador da carta. «Turcos» é a designação hoje emprestada pelos cristãos europeus a todos quantos não comungam com suas idéias. No sobrescrito da carta lê-se: «A minha querida esposa Catarina Luderin de Bora.»

Copérnico paralítico

Frauenburg, dezembro, 1542

A obra de Copérnico deverá — segundo estamos seguramente informados — causar verdadeira revolução não só nos domínios da ciência como da própria religião, uma vez que subverteria todos os conhecimentos agora aceitos como definitivos sobre a Terra, o Sol e as estrelas.

Não conseguimos ouvi-lo, mas as pessoas mais chegadas ao sábio informam que, de forma alguma, antes de sua morte, seu livro, por inteiro, será dado à publicidade.

Sabemos que Copérnico guarda uma grande obra sobre astronomia, da qual seu discípulo Rheticus deu uma ligeira idéia no seu livro «Narratio Prima», publicado em 1540 em Dantzig.

Nicolau Copérnico, estudioso de astronomia e homem de grande valor, sobre o qual em número anterior publicamos dados interessantes, está gravemente atacado de paralisia.

o Brasil em Jornal

1541/42 N.º 8	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessôres: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES



HENRIQUE VIII

2 metros e 8 centímetros e mais de cem quilos, dentro da luzidia armadura fabricada especialmente para ele em 1540 pelos armeiros de Greenwich. Leia na página 2 a entrevista exclusiva concedida pelo rei da Inglaterra a O BRASIL EM JORNAL

ENTREVISTA EXCLUSIVA TEM 2 METROS E 8 O REI DA INGLATERRA

TEM 2 METROS

E 8 O REI DA

INGLATERRA

Londres, janeiro, 1541 (Do correspondente)

Uma entrevista exclusiva com Henrique VIII foi obtida por este correspondente logo após ter o rei repudiado sua quarta mulher, Ana de Clèves, de acordo com o noticiário em primeira mão publicado na edição anterior.

Impressionante a figura de Sua Majestade. Não é à toa que o antigo embaixador francês escrevia a Francisco I, afirmando que diante de Henrique se sentia pequeno e amedrontado... O rei tem nada menos de 2 metros e 8 centímetros de altura!

O rei da Inglaterra está de pé ao nosso lado. E temos de olhar para cima se queremos ver-lhe o rosto, enquanto ele nos dita as respostas às perguntas indiscretas que fazemos.

O que levou V. Majestade a repudiar a rainha Ana de Clèves?

— Ah!... A rainha!... Eu não vi naquela mulher nada de parecido com o que dela me disseram. Não sei como Cromwell pôde fazer aquilo comigo.

— Foi por isso que seu chanceler teve a cabeça cortada?

— Por causa de Ana? Mas é lógico! Um homem de boa-fé e bem prevenido não podia descrever-lhe a como ele me descreveu a ela!... Depois, as vantagens políticas eram coisa alguma! Ele bem mereceu o castigo, inclusive porque era um peculatório e um traficante de influências dentro da minha corte...

— Mas, Majestade, a princesa não era tão feia assim...

— Diga o que quiser — interrompeu-nos bruscamente o rei — mas nunca diga que ela é bonita. É uma pessoa de boa saúde... e nada mais.

— Perdoe-nos por insistir, Majestade. Mas, o casamento não tinha um interesse político que era primordial?

— Fosse qual fosse o interesse, se eu tivesse sabido antes como ela era, Ana de Clèves jamais teria pôsto os pés em terras inglesas!

Sua Majestade tinha ao lado, enquanto o entrevistávamos, o duque de Norfolk e o cardeal Gardiner. Sorriam e concordavam silenciosamente com Henrique VIII. Ele tomou a ambos pelos ombros e, do alto dos seus 2 metros e 8 centímetros, gargalhou: — Digam ao repórter se Cromwell merecia ou não o machado, aquele grande patife!

Norfolk não se fez de rogado: — Ninguém o mereceu mais, Majestade. Gardiner e eu sabemos o quanto era amargo o fei destilado por ele.

Voltamos a interrogar Henrique VIII.

— Nosso jornal publicou despacho meu em que afirmei ter V. Majestade chamado a rainha Ana de Clèves de «quadrúpede flamenga». É ou não é verdade o que transmitimos?

— Antes de responder, o rei da Inglaterra fez estremecer as paredes com uma estrondosa gargalhada, enquanto se mantinha na sua pose predileta: pernas abertas e mãos na cintura com a cabeça deitada para trás.

— Não. Não foi propriamente isso. Na verdade o que eu disse — e com toda a razão — é que Ana de Clèves não passa de uma «jumenta de Flandres». Naturalmente que o senhor não pode oficializar uma declaração destas. Mas foi exatamente assim que eu classifiquei minha quarta mulher.

SOLIMÃO VENCE BATALHA DE BUDA

Em algum ponto da frente de batalha da Hungria, com as tropas de Fernando I de Austria, 1542 (Do enviado especial)

Escorçados de Buda e Peste pelas tropas de Solimão I, imperador otomano, os dizimados exércitos de Fernando I recuam a passos largos, abandonando em poder dos turcos grande parte de suas posições húngaras. A situação relatada em nossos últimos despachos se agravou seriamente, uma vez que, com relativa facilidade, Solimão conseguiu expulsar as tropas junto às quais nos encontramos, inclusive se apoderando das grandes cidades de Gran e Szekesfehervar.

Pernambuco, janeiro, 1541 (Do correspondente) — Urgente

Apesar dos bons entendimentos entre Portugal e Inglaterra, soube-se aqui que navios ingleses vêm, há 10 anos, praticando contrabando de pau-brasil no litoral norte do país. Um comandante inglês é apontado como principal agente da coroa inglesa: William Hawkins. Nos fins do ano passado, precisam as autoridades portuguesas, um barco, o «Paul» pertencente àquele capitão, realizou a travessia Inglaterra-Brasil, voltando para a Europa carregado de contrabando. As notícias são esparsas mas ninguém, em Olinda, ignora o procedimento dos súditos de Henrique VIII.

NADA DE OURO

Olinda, dezembro, 1542 (Do correspondente)

Embora o capitão Duarte Coelho tenha mandado dizer ao rei D. João III que não se descuidava de pesquisar o ouro no sertão, este correspondente pode adiantar que a situação é bem diferente.

Duarte, assim agindo, visa a não desagradar ao soberano. Sua grande preocupação é mesmo defender o litoral de incursões estrangeiras, principalmente agora que se constatou que também os ingleses praticam o tráfico clandestino.

CRIMINOSOS HOMIZIADOS

Pernambuco, dezembro, 1542 (Do correspondente)

Fonte bem informada adiantou a O BRASIL EM JORNAL que o capitão Duarte Coelho, desconcentrado com os abusos da aplicação do princípio do homizio (os donatários permitem que os criminosos tenham livre trânsito e proteção em suas capitânicas), está propenso a pedir ao rei D. João III medidas severas para coibir prática tão prejudicial à colonização do país.

Em rápidas declarações o capitão disse-nos:

— São onze capitânicas. Estender o princípio do homizio aos crimes praticados no Brasil significa que alguém possa cometer, no país, onze crimes e continuar impune. Isso é absurdo e eu, pessoalmente, não posso admitir tal sistema.

Sobre a informação de que se dirigirá ao rei pedindo providências, adiantou-nos:

— É verdade, mas não para já. Tenho outros problemas a resolver (financeiros) e tal abuso, quando me toca, sei repelir à altura. Em ocasião mais propícia pedirei ao rei que obrigue meus colegas de governo ao cumprimento da lei.

ITAMARACA

Itamaracá, dezembro, 1542 (Do correspondente)

Esta capitania, vizinha da de Duarte Coelho, está entregue a sua própria sorte. Como o capitão de Pernambuco é o mais rigoroso dos capitães do Brasil na repressão aos crimes, e dada a proximidade destas costas das da Europa, a capitania de Itamaracá, pertencente à viúva Isabel Gamboa, é a que mais se presta para os contrabandistas internacionais.

As autoridades avaliam em milhares de unidades de pau-brasil

Enquanto ainda sitiávamos Buda, nossos espiões na cidadela protegida por Solimão informavam que o cardeal Martinuzzi, nomeado tutor do pequeno rei «Etiene», procurava subterraneamente solapar a posição dos turcos, fazendo o jogo de Fernando I. Descoberto, foi deposto e não se obteve qualquer vantagem com isto.

A verdade é que tudo está perdido na Hungria e que a situação se apresenta agora muito pior que antes, com os otomanos ameaçando continuar sua marcha mais uma vez sobre a própria Austria.

Contrabandistas ingleses no Brasil

exclusividade, suas declarações, refutando todas as acusações que lhe fazem. A situação agravou-se daí para cá e espera-se, antes do pronunciamento inevitável do tribunal da Inquisição, que surjam motins e levantes populares.

O povo não quer estar sob o governo de um ímpio e tudo fará para livrar-se dele, declarou-nos Barbosa Paes. Minha representação contra Tourinho não tem a justificá-la os motivos torpes a que o governador se referiu. No final, veremos quem tem razão. Ele que se diz maior que o rei e superior ao Papa devia estar tranqüilo com seus poderes. Mas, pergunto: estará?

EM S. VICENTE

São Vicente, dezembro, 1542 (Do correspondente)

São Vicente, juntamente com Pernambuco, continua em grande atividade. Um dos que mais trabalham nesta região, o colono Brás Cubas, falando a O BRASIL EM JORNAL, disse:

— Tenho um moço para cana e produzo regularmente. A terra é boa e basta vontade de trabalhar para extrair dela fortunas. Alimento a esperança de estender meus negócios, já prósperos, a outras regiões. Se tudo correr bem, pretendo, no novo ano, cuidar um pouco dos que tanto me ajudaram a progredir. Espero poder oferecer, o mais rapidamente possível, o conforto de uma verdadeira casa de saúde para os trabalhadores, coisa nunca vista em terras do Brasil.

Brás Cubas já esteve na Índia, de onde, disse-nos, veio-lhe a idéia de adaptar o moço às necessidades brasileiras. No momento, está preparando a fundação de uma povoação, onde pretende construir seu hospital.

as cargas de navios-piratas que fazem periodicamente a viagem Brasil-Europa. Até o momento, no entanto, nenhuma providência das autoridades foi tomada para coibir o criminoso tráfico.

SITUAÇÃO GRAVE

Pôrto Seguro, dezembro, 1542 (Do correspondente)

A crise administrativa em Pôrto Seguro acentua-se a cada dia que passa. Colonos estão à beira de um grave movimento contra o capitão de Pôrto Seguro, Pero do Campo Tourinho. As acusações mais suaves que se fazem contra Tourinho são de molde a alijá-lo definitivamente do governo.

O BRASIL EM JORNAL pode adiantar que o movimento assumiu corpo e no próximo ano, o mais tardar, uma representação será feita contra Tourinho, perante o tribunal de Inquisição de Lisboa. O porta-voz do povo desta cidade será, ao que nos adiantaram, Pero de Barbosa Paes.

Em nosso número anterior citamos algumas das faltas de que o capitão Tourinho é acusado, bem como transcrevemos, com

DE SOTO MORRE DE FEBRE NA AMÉRICA

Margem do Mississipi, 1542 (Do enviado especial)

Vitimado pela febre, que tantas baixas vem causando a esta expedição, faleceu o capitão Hernando de Soto, mandado pelo rei de Espanha, em 1539, para colonizar a região da Flórida.

De Soto dera provas de seu grande valor quando da conquista do Peru e passara a ocupar elevado cargo — governador de Cuba — quando partiu para esta extraordinária aventura, onde perdeu a vida.

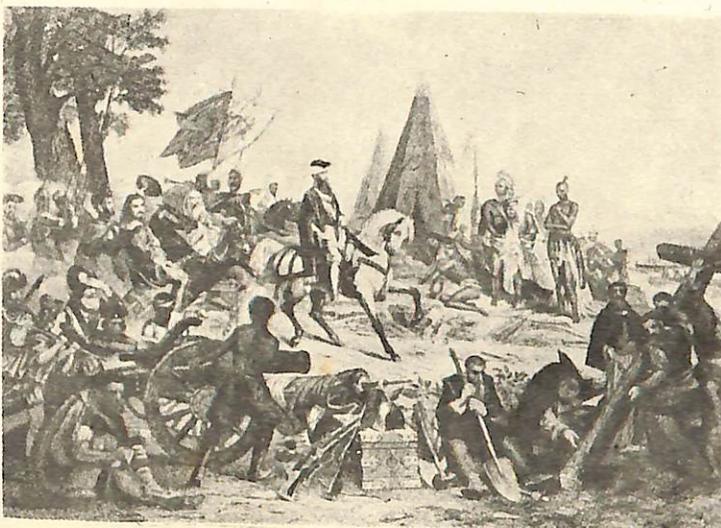
Em 1540 chegou De Soto à região de Savannah e, tendo rumado para o Sul, experimentou pesadas perdas no ataque à fortaleza de Mavila. Depois passou ao país dos índios Chicassas, onde seus soldados e companheiros sofreram os rigores de duro inverno.

Foi nessa região dos Chicassas que começou a odisséia de De

Soto. Os maus tratos dispensados aos indígenas resultaram em forte reação com o incêndio da aldeia. Perdemos muitos cavalos e quase todos os porcos, o que nos levou a uma situação de extrema penúria. Após atravessarmos o Mississipi em jangadas, sofremos a grande perda com a morte do nosso comandante, o que significa, praticamente, o malogro da colonização desta região da América do Norte, que, a dura penas, vimos percorrendo.

NOVO COMANDANTE

Margem do Mississipi, 1542 (Do enviado especial) — Com a morte de De Soto, assumiu o comando da tropa o capitão Moscoso. Sabemos que Moscoso vai empreender a viagem de volta, em direção à Nova Espanha. Será uma dura empreitada, pela permanente hostilidade dos índios e da natureza.



DE SOTO

Quando descobria o rio Mississipi

DESAPARECE ALVARADO

Nova Galicia, 24, junho, 1541 (Urgente)

Vítima de uma queda de cavalo no desfiladeiro de Mochitiltic, quando combatia uma rebelião indígena, morreu hoje o capitão Pedro de Alvarado, conhecido pela sua notável atuação na conquista do México e na colonização da Guatemala.

Alvarado, que desaparece aos 58 anos, foi cognominado pelos astecas, na campanha mexicana de Cortez, de Tonatiuh (O Sol), pela cor ruiva de seus cabelos e barba. Ao seu excessivo zelo pela autoridade e gênio violento deve-se a insurreição dos astecas em Tenochtitlán (capital do México), confiada ao seu comando por Cortez, que descera ao litoral para enfrentar Pánfilo de Narvaez. Desconfiado que os astecas conspiravam contra os espanhóis, Alvarado passou a fio de espada grande número de nobres e sacerdotes mexicanos.



«A «Noite Triste» foi a tétrica resposta à sua violência. Todos esses fatos foram detalhados na ocasião em reportagem de O BRASIL EM JORNAL.

Nascido em berço nobre, Alvarado cedo embarcou para a América, em busca de luta, conquista e fortuna, o que conseguiu plenamente, tendo, inclusive, alcançado alto posto de governador e capitão-geral da Guatemala (18 de dezembro de 1527).

Sabedor do êxito de Pizarro no Peru, empreendeu (1534) uma expedição àquele país, que terminou por um entendimento com Belacazar e Almagro, com a venda dos 12 navios e dos direitos sobre sua equipagem, cedidos por Alvarado por 120 mil castelhanos-ouro.

Casou-se Alvarado em Espanha duas vezes, com duas irmãs, sobrinhas do duque de Albuquerque: Dona Francisca e, depois, com Dona Beatriz. Nasceu em Badajoz, provavelmente em 1483.

CONCÍLIO DIFÍCIL

Trento, 22, maio, 1542 (Urgente — Do correspondente)

Sua Santidade o Papa Paulo III acaba de tornar pública a convocação de um concílio de representantes da Igreja Universal para debater o problema religioso.

Esse concílio, tido como de extraordinária importância, vem sendo falado desde há dez anos atrás, mas nunca chegou a se realizar por motivos principalmente de ordem política internacional.

NADA FEITO

Roma, dezembro, 1542 — Apesar da convocação do Papa, ainda desta vez não teve início o famoso concílio da Igreja Universal. Segundo tudo indica, Carlos V seria absolutamente contrário à sua realização neste momento, uma vez que não está em muito boas relações com o Papa que, por sua vez, não vê com maus olhos a aliança franco-otomano-veneziana com os príncipes hereges da Alemanha, na guerra contra o imperador.

Comenta-se, com certa malícia, que Ticiano, o grande pintor, apesar de pintar sem interrupção, passa por grandes apertos financeiros. Um quadro seu, que há tempos fora oferecido por 500 escudos, não encontrou comprador.

★
Como informamos na edição anterior, está em Paris o terrível «doublé» de artista e delinqüente, Benevenuto Cellini.

Segundo soubemos, a permanência de Cellini nesta cidade não durará muito: já há uma desinteligência com a duquesa d'Etampes. Envolvido em intrigas na corte de Francisco I, depois de ter cumprido pena por ter roubado gemas da coroa pontifícia, não está encontrando aqui ambiente muito propício, e seu bota-fora é esperado a qualquer momento...

★
Consta que Carlos V, da Espanha, apesar dos males do estômago, é um grande bebedor de vinho. O imperador não dispensa, mesmo, seus quatro litros diários de vinho do Reno.

★
Fala-se muito em Paris: Jean Clouet, pintor ordinário de Francisco I e seu «criado de quarto» (título que muita gente cobica) preparou as coisas para que seu pósto seja preenchido por seu filho Francisco, um latagão de 32 anos, que pinta miniaturas e faz desenhos a «crayon». Coisa de pai para filho...

★
Uma moça de apenas 16 anos, filha de um professor de Ferrara, vem assombrando os eruditos por sua notável inclinação para a Filosofia e o estudo das línguas antigas. Seu nome é Olímpia Fúlvvia Morata. Convém guardá-lo.

★
Está para regressar de uma sinecura no Exterior, um moço que se tem distinguido como poeta dos melhores. Seu nome: Ronsard. Fala-se que Du Thier, homem de confiança de Francisco I e Mecenas dos artistas jovens, já revelou desejo de o ajudar.

Catarina de Médicis está assustada com uma previsão que lhe fez seu astrólogo predileto: Lucas Gauric. Segundo Gauric, o marido de Catarina, herdeiro de Francisco I, subirá um dia ao trono, mas um duelo porá fim a seu reinado e a sua vida. Resultado: a italiana disse-nos que providenciará para que Henrique, depois de feito rei, não tome parte sequer em torneios. O que nós achamos muita presunção de sua parte. Proibições, para o delírio, só têm valor quando feitas por Diana de Poitiers...



Se bem que em estilo, modos e procedimentos diferentes, também a austera corte espanhola tem o seu bôbo. Em coluna de outra edição, divulgamos uma série de fatos ligados ao bôbo de Francisco I, o já famoso e inteligentíssimo Triboulet.

Hoje reproduzimos uma pose do anão de Carlos V em roupa de gala, com seu «cetro» e sua pequena espada à cinta, tendo ao lado um cão do palácio, que mais parece sua montaria...

Como frisamos, o anão de Carlos V é muito diferente do de Francisco I. Enquanto Triboulet exerce, de fato, um reinado de deboche, quase despótico, o bôbo de Carlos V reflete perfeitamente, em sua fisionomia sisuda e fechada, a severa atmosfera da corte de Espanha.

HENRIQUE VIII DECAPITOU SUA 5.ª MULHER

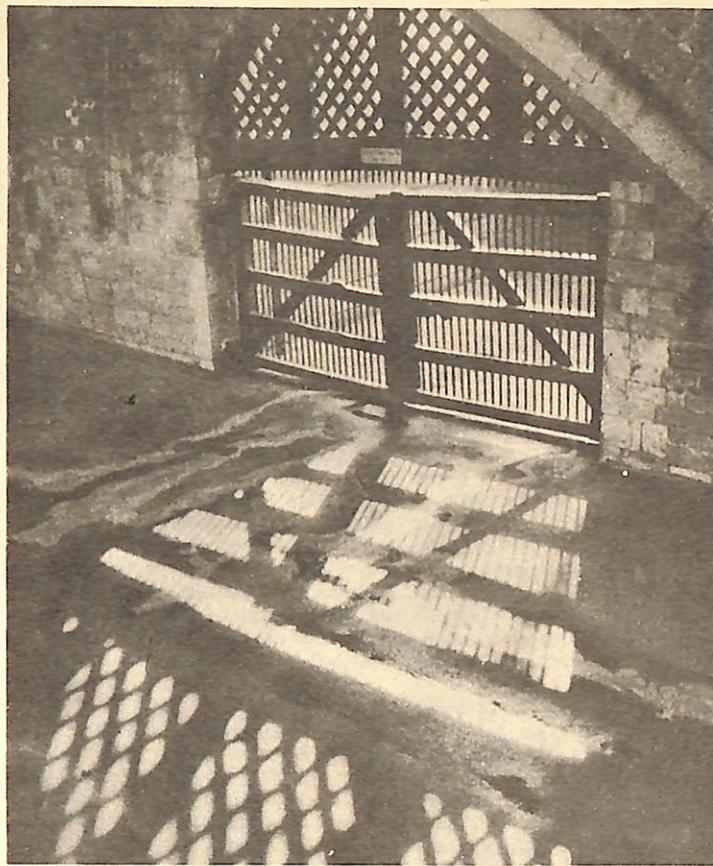
Londres, 1.º, janeiro, 1541 (Do correspondente)

Podemos, hoje, transmitir um sensacional furo: Henrique VIII está casado pela quinta vez, desde 28 de julho do ano passado! No último despacho que enviamos, publicado na edição anterior, informamos que não era possível garantir que o rei já estivesse casado ou pretendesse fazê-lo ainda. Agora, Catarina Howard, sobrinha do duque de Norfolk, já é, de fato, a quinta rainha da Inglaterra neste reinado de Henrique VIII.

Ao contrário do que informamos, Catarina conta agora 23 anos e é, sem dúvida, a mais bela das cinco mulheres de Henrique. Cabelos cor de cobre; olhos «noisette», muito viva e sagaz, é moça bastante requestada e que, como dissemos, já teve alguns namorados e até um noivo.

Embora com 51 anos, Henrique mantém o seu porte atlético e de certa maneira elegante. Murmura-se muito sobre esse novo casamento, pois a diferença de idade é de 28 anos e Catarina é moça educada «à francesa», isto é, com certa liberdade.

manterem relações com Catarina. Henrique VIII, embora sem tornar público esse pensamento, tem — pode-se afirmar — a certeza de que Catarina o vem traindo. A diferença de idade entre os dois e o temperamento reconhecidamente ardente da ex-rainha, contribuem, decisivamente, para avivar as suspeitas do rei. Nossas fontes de informações junto ao palácio são unânimes em informar que a situação é tensa e que as confissões de



«PORTA DOS TRAIADORES»

Na Torre de Londres. Entre tantos outros, por ela passaram para a eternidade Ana Bolena e, agora, Catarina Howard.

Quando chegamos, Catarina, com extraordinária calma, pedia que lhe dessem um cepo sobre o qual pudesse, durante a noite, repousar sua cabeça, acostumando-a para o suplício... Hoje pela manhã ela nos fez a seguinte declaração: — «Eu morro sob o diadema da coroa, mas preferia morrer como esposa de Thomas Culpeper. Deus se apiede de minha alma. Pedi ao povo que reze por mim.»

Em seguida, o carrasco vendeu-lhe os olhos com um lenço. Mansamente, Catarina subiu ao patíbulo e colocou de espontânea vontade sua cabeça sobre o cepo. O machado desceu como um raio. A linda cabeça da quinta esposa de Henrique VIII rolou para um cesto.

Estava tudo acabado.

MORTOS OS NAMORADOS
Londres, janeiro, 1542 — Culpeper e Dereham foram decapitados pelo machado do carrasco da Torre de Londres. Ambos acusados de terem mantido relações com Catarina Howard antes de seu casamento com o rei.

PRESA CATARINA!
Londres, janeiro, 1542 — Provavelmente irrefutáveis — afirma o rei — da infidelidade de Catarina, depois de casada com ele, levaram Henrique VIII a prendê-la na Torre de Londres. Um tribunal especial está reunido para examinar a acusação e as provas de que Catarina manteve, como rainha, relações íntimas com seu antigo namorado, já executado, Thomas Culpeper.

CONDENADA A MORTE!
Londres, 13 fevereiro, 1542 (Urgente) — Catarina Ho-

ward, com 24 anos incompletos e de rara beleza, depois de ter sido rainha por pouco tempo, vai ter sua linda cabeça decapitada na Torre de Londres, antes que termine este dia. Ontem, à noite, com permissão especial, este correspondente conseguiu trocar duas ou três palavras com a condenada em sua cela.



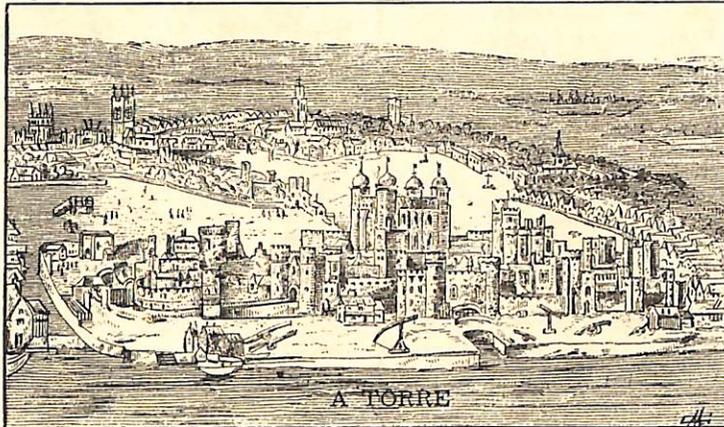
CATARINA

Segunda do nome e quinta das mulheres, perdeu a cabeça. A foto não lhe faz justiça.

INTRIGAS...

Londres, novembro, 1541 (Do correspondente)

Apuramos em fontes ligadas ao gabinete real que a nova rainha é quinta esposa de Henrique VIII



Vista panorâmica da Torre de Londres.

está sofrendo violenta campanha de intrigas por parte do arcebispo Thomas Crammer, chefe executivo da nova Igreja Anglicana.

Segundo nossos informantes, já Henrique estaria muito inclinado contra sua mulher que, por outro lado, é passível de censuras gerais do partido contrário ao seu. Dizem que o mais grave depoimento contra Catarina Howard é o de um velho criado da duquesa de Norfolk que, entre outras coisas, afirma que ela, antes do casamento, manteve íntimas relações com vários homens, entre eles os já citados por nós em despacho publicado no número anterior: Henrique Mannock, Thomas Culpeper (primo da rainha) e Francisco Dereham que teria sido seu noivo.

CULPADA!

Londres, dezembro, 1541 (Urgente) — Catarina Howard está sofrendo os terríveis efeitos da cólera que despertou em Henrique VIII a revelação de todo o seu passado. A quinta esposa do rei da Inglaterra acaba de ser repudiada, enquanto a polícia real prendeu e encarcerou na Torre de Londres, Thomas Culpeper e Francisco Dereham acusados de

sa, afirmou que, antes mesmo de estar oficializada, a Companhia de Jesus já vinha agindo em várias partes do mundo, por intermédio dos seus membros fundadores, a maior parte dos quais não se encontra em Roma.

OS EMPECILHOS

Loiola não se externou sobre os motivos pelos quais o Papa fixou no máximo de 60 o número de membros de sua Companhia. A reportagem, no entanto, pode informar que essa limitação foi obra do partido liberal da Igreja, o mesmo que defendeu a conciliação e a tolerância em Ratisbone e que, embora enfraquecido e praticamente derrotado, ainda dispõe de forças para embarcar o trabalho do general da Companhia de Jesus.

Sabem, os que procuram ainda conciliar as Igrejas, que Inácio de Loiola pretende — como já está fazendo — levar avante um incansável trabalho de luta contra os protestantes e hereges em geral, sem lhes dar tréguas.

XAVIER

Lisboa, janeiro, 1541 (Do correspondente)

Encontra-se nesta cidade desde 25 de junho do ano passado mais um discípulo de Inácio de Loiola, convidado pelo próprio rei D. João III: Francisco Xavier.

Há dez meses, os dois primeiros sacerdotes (Simão Rodrigues e Paulo Camerte), após a solicitação do rei ao papa Paulo III, vieram para o reino a fim de ajudar a salvar as almas dos pecadores.

Sua Majestade está propenso a mandá-los para a Índia, para evangelizar aquela região.

Logo que chegou, Francisco Xavier juntou-se aos companheiros que o precederam e que já estão em franca atividade. A corte, que recebeu os primeiros sacerdotes com muita simpatia, aplaudiu a iniciativa de Sua-Majestade.

Os religiosos têm confessado, doutrinado e assistido a enfermos e presos com muita eficácia.

Loiola, General de Jesus

Roma, 23, abril, 1541 (Urgente)

Neste dia de Páscoa, Inácio de Loiola foi eleito general da Companhia de Jesus, por ele fundada. Numa solenidade emocionante, Loiola prestou juramento de fidelidade ao Papa, seguindo-se o juramento dos seus companheiros, feito ao seu general.

O BRASIL EM JORNAL, ao término da solenidade, ouviu com exclusividade a palavra de Sua Santidade que declarou: — «A Santa Sé tem a certeza de que terá na Companhia de Jesus um baluarte na luta contra a Reforma e os heréticos do mundo inteiro. Sentimos, em nossa responsabilidade de reger os destinos da cristandade, a enorme, a extraordinária importância desta ordem que, sem dúvida, nos será de valia inestimável, no justo momento em que tanto precisamos de lutadores da estirpe de um Inácio de Loiola.»

FALA LOIOLA

Por sua vez, Inácio de Loiola, prestando declarações à imprensa,



XAVIER

Companhia de Jesus em ação.

Ameaça ao futuro português do Brasil

Não podemos deixar de chamar a atenção nesta coluna para os fatos ultimamente ocorridos no extremo meridional do Brasil. Apesar da fundação da vila de S. Vicente por Martim Afonso e da concessão da Capitania de Sant'Ana a seu irmão, Pero Lopes de Sousa, nenhuma tentativa até agora se fez para ocupação e posse definitiva do litoral rumo do Prata, que, infelizmente, Martim não logrou explorar nem colonizar, como era intenção da Coroa Portuguesa. No entanto, os espanhóis já fundaram Buenos Aires no estuário platino e Assunção no rio Paraguai, apoderando-se de tôdas aquelas vastíssimas regiões. E agora mesmo enviou a Coroa de Castela às partes do sul do Brasil um adelantado, que as atravessou até Assunção e delas tomou posse para seu rei, sob o nome de Província de Vera.

Trata-se do famoso D. Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, chefe enérgico e experiente. A epopéia que realizou da Flórida ao México recomendou-o ao beneplácito real, determinando sua escolha para dirigir a expedição destinada a resgatar no Prata o malogro da de D. Pedro de Mendoza. Segundo estamos informados, foi Cananéia o primeiro ponto da costa brasileira onde sua frota ancorou, não tendo ali encontrado nenhum elemento colonizador português. Tomou, por isso, posse da terra para o rei de Castela, sem que houvesse o menor protesto. É muito de admirar, pois que há mais de dez anos, quando ali esteve pela primeira vez, Martim Afonso encontrou o tão falado bacharel Francisco de Chaves, vivendo entre os índios e carregado de filhos. Será possível que ele e todos os descendentes se tenham recolhido a S. Vicente ou ido viver no alto da serra, nos arraiais de João Ramalho e Tibiriçá? Ou ainda se terá dado o caso de terem fugido para as matas, ao avistarem as velas das naus e da caravela de Cabeça de Vaca?

O mesmo deserto foi encontrado pelo adelantado do rei da Espanha na ilha de Santa Catarina e nas praias fronteiras do continente, onde os castelhanos permaneceram algum tempo antes de se internarem nos sertões de Coré-tuba ou Curitiba, na direção do Paraguai. De tôdas essas terras tomaram posse oficial.

Ora, isso representa grave perigo para o domínio luso nessas paragens tão importantes por constituírem os grandes rios que vão formar o Prata, natural escoadouro dos ricos produtos das entranhas desconhecidas da América e entrada natural para atingir essas fontes de riqueza. Objeta-se-á que existe a linha demarcatória das zonas de expansão espanhola e portuguesa. Sim, mas seu traçado é mais hipotético do que real, mais ideal do que propriamente concreto. Não se tem bem certeza dos pontos em que tocam suas extremidades. Na ilha de Joanne, ao norte, e na de Santa Catarina, ao sul? Mais alguém, mais além? Em todo caso, mesmo admitindo Santa Catarina com extremo meridional, não poderia Cabeça de Vaca tomar posse de terras compreendidas entre essa ilha e a vila de S. Vicente, onde sempre flutuou a bandeira portuguesa.

Entendemos ser o caso de natureza grave e alertamos os Conselhos da Coroa para as providências enérgicas e urgentes que está a exigir. Não podem continuar desamparadas regiões tão importantes, nem à matroca capitania como a de Sant'Ana. Muitas outras se encontram na mesma situação.

Impõem-se medidas que mudem o sistema até agora assentado para colonizar o Brasil. Sobretudo se sente a necessidade dum governo centralizado e uno que possa zelar pela conservação do imenso território que coube a Portugal na América, para nele implantar, desenvolver e glorificar a Fé e o Império.

Os atos praticados pelo audaz capitão Cabeça de Vaca representam um brado de alerta para a preservação e defesa do futuro português do Brasil.

FUNDADA NOVA ORDEM

Granada, Espanha, 1541

Quase que ao mesmo tempo em que Loiola conseguiu do Papa a oficialização da sua «Companhia de Jesus», o irmão João de Deus fundou uma outra ordem: a dos «Irmãos Hospitaleiros» ou «de Caridade».

João de Deus, português, que conta agora 45 anos, foi soldado e exerceu uma série de

misteres de guerra. Um dia, assistindo à missa, ouviu um sermão do sacerdote João d'Ávila e se converteu à fé católica, tomando o hábito. Juntamente com a fundação da sua ordem que, além dos votos normais, adota um especial de se dedicar ao tratamento dos doentes e feridos, ele criou nesta cidade um pequeno hospital.

A ordem vai agora lutar para obter a aprovação papal.

VOCABULÁRIO

BRASILEIRO

Vocabulário para uso dos que viajam para o Brasil:

Ser malicioso — Abamemõã.
Manifestante — Ycatupe
Mancebo — Cunumiguaçu
Manceba — Aguaçã
Mercador — Baemaedara
Espôsa — Temireco
Côr morena — Pitanga
Mudo — Nheengu
Nadar — Aigtãb
Namorada — Cunhaiba
Paño de linho — Igbiraoba
Pátria — Áupaba
Fazer as pazes — Aimonhigrõ
Pecado — Angaipapaba
Prato — Nhae
Render-se — Aimoauje
Saco — Ajõ
Sábio — Baecuguapara

MEDICINA

ANUNCIA-SE:

REVOLUÇÃO

NA MEDICINA

Basiléia, dezembro, 1542 (Do correspondente)

Um livro de anatomia, próximo a ser lançado, vai revolucionar o estudo da Medicina em todo o mundo. Este correspondente, em conserva com seu autor, André Vesálio, constatou a importância da obra que «vai restabelecer a verdade sobre o corpo humano».

«As ilustrações feitas por Calcar, aluno do grande Ticiano, disse-nos Vesálio, vão desvendar todos os segredos do corpo. Mas meu objetivo, com o «De corporis humani fabrica», é conseguir vencer um obstáculo criado por preconceitos multisseculares. A Medicina, especialmente a Anatomia, precisa de libertar-se de certos freios injustificáveis para progredir».

O anatomista não quis mencionar taxativamente tais preconceitos, mas concluiu dizendo que a dissecação do corpo humano era indispensável ao progresso da ciência médica, e tinha muita confiança em que seu livro facilitasse a consecução deste objetivo.

IMPORTANTE

Para comprar a coleção completa de O BRASIL EM JORNAL ou adquirir assinaturas, os leitores devem dirigir-se aos endereços citados no expediente, nesta mesma página, pessoalmente ou por carta, remetendo o valor correspondente.

Encarecemos a necessidade de urgência nas encomendas, pois os números atrasados já se estão esgotando.

A MODA COMO ELA É

Última moda feminina, em toda a Europa, (a coisa começou na França) é uma espécie de gargantilha, armada em renda ou tecido fino, que as mulheres estão usando sobre o casaquinho.

Segundo conhecido modista, o valor da peça é extraordinário para as damas de alta nobreza:

«— As mulheres com essa gargantilha não podem quase baixar os olhos às misérias da terra».

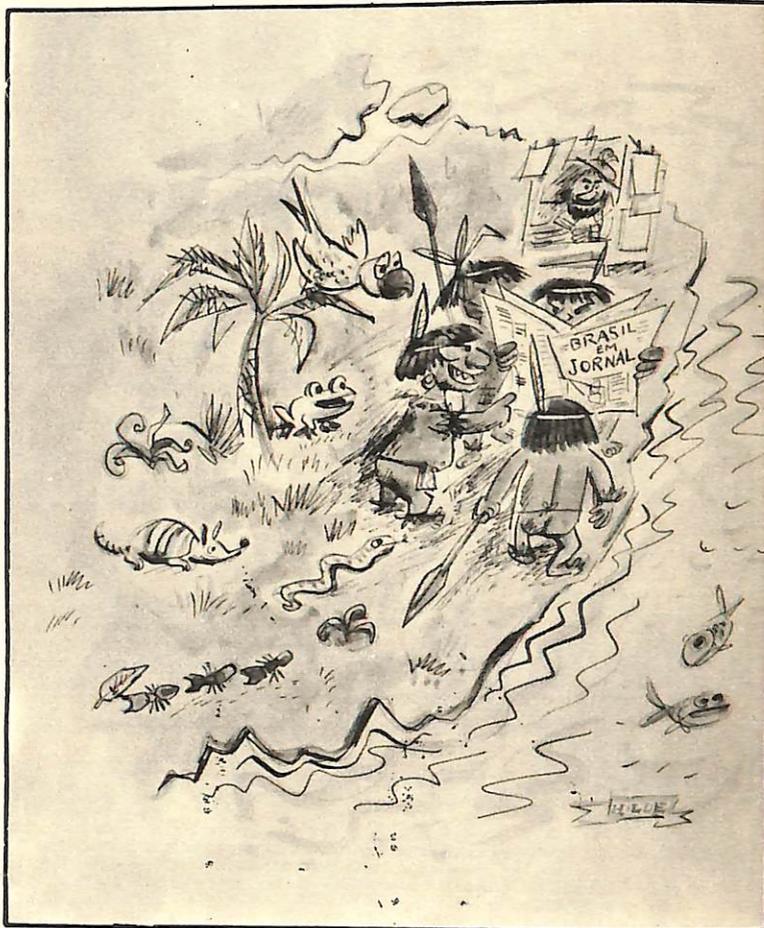
É da já famosa gargantilha a ilustração que reproduzimos nesta seção.



NOVO AGASALHO

Está sendo pôsto em uso na Europa, para defesa contra o frio e a chuva, um manto de fazenda grossa, de lã, espécie de saco afunilado, que abotoa pela frente com 9 ou 10 bo-

tões, tendo de cada lado uma abertura para a passagem e livre exercício dos braços. Chama-se, em França, balandran, e na Península Ibérica, balandrau. Há à venda, nos mercados de roupas feitas,



ENSINO

Lisboa, 1542

André de Gouveia, principal do Colégio de Guyenne, na França, mas português de nascimento, foi convidado por D. João III, de Portugal, para organizar o Colégio das Artes.

Sobre o tio de André, Diogo, que é conhecido em França pelo curioso apelido de «Papa-mostarda», conta-se uma passagem curiosa. Professor, quis castigar um seu aluno, já homem feito. Apanhou o açoite para aplicar-lhe o castigo físico e todo o colégio entrou em efervescência. O aluno, de muito prestígio, ia ser exemplado. Os condiscipulos se juntaram para presenciar a cena. Mas, instantes antes, o acusado procurou Diogo e explicou-lhe que o acusavam injustamente. O mestre ouviu-o e acompanhou-o à sala. Diante de toda a classe, o mestre, em prantos e de joelhos, pediu desculpas. O aluno que ia ser açoitado chamava-se Inácio de Loiola!...

Fala-se que André, agora chamado por D. João III, tem

o mesmo gênio do tio e é pessoa capacitada a organizar em Portugal estabelecimento modelar de ensino. O convite do rei teve ótima repercussão.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
HILDE e ADAÏL
Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO
Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
conj. 9-C — Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

MORRE PIZARRO GRITANDO: JESUS!

Lima, 26, junho, 1541 (Urgente)

«Jesus!» — eis a última palavra pronunciada por Francisco Pizarro, antes de morrer, hoje, vítima de brutal atentado, planejado e executado pelos «chilenos», como aqui são chamados os partidários de Diogo de Almagro, inimigos mortais, dos pizarristas.

O assassinato do grande capitão da conquista, que desaparece aos 65 anos de idade, revestiu-se de incrível ferocidade e veio transformar em realidade as palavras proféticas de Fernando Pizarro, irmão de Francisco, quando, ao despedir-se de partida para a Espanha, recomendou-lhe que se cuidasse da ira e traição de seus inimigos.

VIVA O REI! MORTE AO TIRANO!

Lima, 26, junho, 1541 (Urgente)

O dia de hoje (domingo) reservado aos lazeres e às preces, foi sacudido pela estúpida tragédia em que perdeu a vida o governador Pizarro, trucidado a golpes de espada pelos almagristas conspiradores, que o atacaram em sua própria casa, já que falhara o plano de matá-lo ao sair da igreja, após a missa.

Embora avisado da conspiração, Pizarro sempre pareceu não dar a devida importância ao caso, sendo comum vê-lo afirmar que as cabeças dos conspiradores respondiam pela sua e que eles não ousariam tanto. Mas estava enganado. O complô marchava e os conspiradores reuniam-se em casa do filho mestiço de Almagro.

Temerosos de que algo pudesse perturbar o plano, os conspiradores dirigiram-se à casa do governador, aos gritos de «Viva o rei!» e «Morte ao tirano!». Chegando ao palácio, um pagem, percebendo o perigo, gritou que os «chilenos» tentavam matar Pizarro. Uma punhalada prostrou-o.

Calmamente, Pizarro mandou que seu fiel amigo Francisco de Chaves (um dos famosos treze do início da conquista) barricasse as entradas do palácio. Chaves cometeu a imprudência de entreabrir a porta principal, a fim de indagar dos assassinos o que pretendiam. Uma punhalada atravessou-lhe a garganta. Aberta a porta, os conspiradores enfrentaram Pizarro, seu meio-irmão Martínez de Alcántara, outro amigo, Gomez de Luna e mais dois pagens. Eram dezenove os adversários, comandados por Juan de Rada, preceptor do filho de Almagro.

Pizarro combatia hercicamente, de espada em punho. Veio sobre ele Narvaez e Pizarro trespassou-o, mas sua espada ficou presa no corpo do adversário e não pôde ser retirada. Todos então, investiram contra o governador, que caiu ao solo para morrer. Sobre seu corpo caíram também Martínez de Alcántara, seu irmão, e os dois pagens. Antes de expirar, Pizarro traçou, com seu próprio sangue, uma cruz no chão e expirou pronunciando a palavra JESUS.

MORREU DE PÉ

O grande conquistador que hoje sucumbiu às intrigas e às lutas fratricidas que assolam as terras do Peru, é uma das mais importantes e interessantes figuras da história das Índias Ocidentais e pôde-se afirmar que somente com homens de sua tempera foi possível à Espanha alargar em tanto seus domínios de além-mar.

Alguns crimes lhe são imputados, como, por exemplo, as execuções de Atahualpa e de Almagro. Em que pésem, no entanto, seus erros, Pizarro revelou qualidades inextinguíveis, que lhe garantiram a posição de mando que ocupava com destaque, tais como sua incrível resistência física (malgrado sua idade já madura), sua dureza de caráter e seu espírito de religiosidade. Destacou-se, enfim, como militar, fundador, conquistador, descobridor e governador.

Mesmo em seus últimos dias, ao péso dos 65 anos, mantinha o porte altivo e ereto sempre com aquela mesma aparência áspera da mocidade.

Ele foi um ídolo na Espanha, substituindo e tomando o lugar de Cortez. Morreu de pé, lutando, como sempre viveu.

PAIS DA CANELA

Quito, junho, 1542 (Do correspondente)

Mais parecendo espectros do que gente, chegaram a esta cidade os sobreviventes da expedição de Gonçalo Pizarro, nomeado governador de Quito por seu irmão Francisco. Mais da metade dos 4 mil índios pereceu na tormentosa viagem e apenas voltaram 80 dos 350 espanhóis que iniciaram a aventura, em princípios de 1540.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL apurou que a expedição enfrentou incriveis dificuldades e sofrimentos, principalmente ao deixar o território dos incas e entrar no dos quixos, onde o clima e os habitantes mostraram-se hostis e os intrincados desfiladeiros dificultaram enormemente a caminhada.

Aconteceu de tudo à expedição, inclusive terremotos, com aldeias e gente despencando pelos abismos. Ao frio intenso sucedia o calor abrasador, entrecortado de chuvas torrenciais. Mesmo assim, conseguiram atingir o principal objetivo da viagem — o país das canelas. Gonçalo Pizarro e seus companheiros lá chegaram encontrando bosques inteiros da preciosa árvore.

ORELLANA

Quito, junho, 1542 (Do correspondente)

Conseguimos também apurar que Gonçalo Pizarro sofreu grave perda de homens com a deserção de Francisco Orellana, espanhol natural de Trujillo. Gonçalo decidiu construir um bergantim para com ele navegar no rio Napo. Deu o comando a Orellana, enquanto as tropas acompanhavam o barco pelas margens do rio, onde todos passaram os padecimentos mais cruéis causados pela fome, que os levou a comer as selas e os arreios dos cavalos.

Alguns índios informaram aos espanhóis que havia uma rica aldeia próxima. Gonçalo decidiu acampar e enviou Orellana à frente, no bergantim. Orellana seguiu por um rio muito maior que o Napo, que corria em direção ao Oriente. Até hoje nada se sabe a seu respeito.

DEGOLADO O FILHO DE ALMAGRO

Cuzco, 16, setembro, 1542 (Do correspondente)

Diogo de Almagro, filho do conquistador mandado executar por Francisco Pizarro em julho de 1538, teve hoje a mesma sorte de seu pai, entregando a cabeça ao cutelo do carrasco, por crime de traição.

A execução de Almagro, determinada por Vaca de Castro, novo governador do Peru, após vencê-lo pelas armas, é mais uma prova da desordem e violência que imperam no país, onde as vinditas e crimes cometidos por espanhóis contra espanhóis sacrificam vidas preciosas.

Após o brutal assassinato de Francisco Pizarro, principal personagem da epopéia peruana, pelos almagristas (26 de junho do ano passado), Diogo de Almagro e seus companheiros tomaram de assalto o poder deixado pelo marquês e governador. Com a chegada de Vaca de Castro, foram os almagristas considerados como revolucionários e culpados da morte de Pizarro. Vaca venceu-os em campo aberto e mandou cortar a cabeça de seu chefe, encerrando, definitivamente, a carreira dos almagristas no Peru.



Flagrante colhido pela nossa objetiva em Valladolid, quando Pizarro, grande conquistador, relatava para o imperador Carlos V a conquista do Peru

LIVROS E AUTORES

MAROT COMPLICADO

Genebra, 1542 (Do correspondente)

O poeta francês Clemente Marot, protegido de Margarida de Navarra, chegou a esta cidade, fugindo da perseguição religiosa de Francisco I.

Marot, ainda mais que sua protetora Margarida, vem se revelando simpático ao protestantismo e este não é o seu primeiro exílio consequente de suas convicções religiosas contrárias à coroa. Já esteve na corte de Ferrara, onde brilhou pelo seu talento, mas a nostalgia da pátria fez-lo voltar à França, mediante solene abjuração do protestantismo.

No ano passado, no entanto, Marot tornou a complicar sua situação junto aos católicos franceses, com a sua bela tradução dos Salmos, adotada pelos reformados. Viu-se, assim, obrigado a emigrar para esta cidade.

MABS «NONIO»

Lisboa, novembro de 1542

Pedro Nunes, famoso homem de ciência de Portugal, publicou, nesta cidade, novo e importantíssimo livro: o «Tratado dos Crepúsculos».

Além da importância do livro, o autor traz a público estupenda contribuição à ciência, um instrumento para medições de grande precisão: o nonio, do nome do inventor. Pedro Nunes criou um método de círculos concêntricos capaz de conseguir subdivisões diminutas.

Giorgio Vasari, pintor, arquiteto e biógrafo italiano, de Arezzo, está escrevendo aqui em Florença uma série de biografias sobre os «Excelentes pintores, escultores e arquitetos».



Apareceu na França a tradução do livro de Calvino: «L'Institution». Livro de fundo religioso, reformista, sua tradução desagradou muito aos círculos ligados à Igreja.

Du Thier, o homem que sempre ajudou os artistas, fez-se, ele também, escritor. No ano passado, 1541, publicou uma divertida facécia (La Pazzia) em italiano. Comentários mais ouvidos: o livro agrada e o italiano de Du Thier é de muito boa qualidade.

Muito comentada na França a inscrição de Rabelais num de seus livros: «Este livro é propriedade do doutor Francisco Rabelais e de todos os seus amigos cristãos».

BARBARROXA DERROTA CARLOS V

Alger, outubro, 1541 (Urgente)

Keir-edin, o Barbarroxa, esteio marítimo dos otomanos, grande comandante e pirata que há muitos anos vem arrastando e levando o pânico, a destruição e a morte às costas italianas e espanholas do Mediterrâneo, acaba de conseguir uma esmagadora vitória sobre Carlos V, vencendo e desbaratando a grande frota que contra esta cidade lançou, sob seu direto comando, o imperador espanhol.

Comemorações de todos os tipos enchem de festas as ruas de Alger, enquanto Barbarroxa é aclamado pelos seus homens e pelo povo.

A DERROTA NAVAL

Bordo do capitânia de Carlos V, a caminho de Espanha, outubro, 1541 (Do enviado especial) — Nosso velho conhecido Hernán Cortez, o grande conquistador do México, cuja epopéia O BRASIL EM JORNAL divulgou em detalhes no seu segundo número, fornece a maior parte das informações sobre a tremenda derrota sofrida por esta frota ao largo de Argel.

Eis algumas declarações do capitão e hoje marquês de La Vallée: — «Esta esquadra de guerra, armada e comandada por nosso imperador Carlos V, partiu de Espanha com dezenas de navios e 36 mil homens sólidamente armados. O terrível desastre se deu ao largo de Argel como o amigo pôde presenciar. Depois das primeiras escaramuças, quando, praticamente, encurralávamos a frota de Barbarroxa, desabou um violento temporal dividindo a esquadra e fazendo naufragar parte dos navios. Eu mesmo fiquei com a roupa do corpo.»

Na verdade, Cortez que conta 57 anos, armou por sua conta uma esplêndida galera que lotou com tropa escolhida e muitos cavalos, tal qual há mais de 20 anos na conquista do México.

Entre os capitães, trouxe seu próprio filho, o jovem Martim Cortez, fruto de seus amôres com a dedicada índia mexicana da Marina. Cortez não esconde seu enorme desejo de agradar o imperador perante o qual está inteira e totalmente ofuscado pela glória de outros conquistadores e exploradores de novas terras.

Ouvimos suas queixas e sua mágoa por não ter conseguido realizar o seu grande sonho: ser vice-rei do México ou membro do Conselho da Coroa.

O barco de Cortez foi um dos primeiros a naufragar. Ao se salvar a nado, juntamente com seu filho, enrolou na manga do gibão uma peça de seda dentro da qual tentou salvar

dezenas de pedras preciosas, entre as quais algumas esmeraldas enormes e de valor incalculável. Tudo em vão, porque elas se perderam. O último vestígio do fabuloso tesouro de Montezuma ficou, assim, sepultado no Mediterrâneo.

O TRISTE FIM DE CÔRTEZ

Bordo do capitânia, outubro, 1541 (Do enviado especial) — Logo após o temporal que desbaratou a frota espanhola, Carlos V reuniu a bordo desta galera, em seu camarote de comando, todos os capitães sobreviventes.

Cortez, embora não convidado a tomar parte na reunião, a ela compareceu, em meio a certo mal-estar. Carlos V, com o acôrdo geral, resolveu levantar ferros e regressar à Espanha abandonando os propósitos de esmagamento dos berbericos que continuam a ser donos quase que exclusivos da costa africana do Mediterrâneo.

Aprovado o abandono da operação, Hernán Cortez, pensando fazer valer aquela mesma altivez, coragem e porte com que comandava as expedições no México, bradou: — «Vossa Majestade que me dê 400 homens e os navios necessários, que conquistarei Argel, pois foi com forças idênticas que conquistei o México.»

Foi triste de se ver. Triste de se ouvir. Triste de se ter sido testemunha da reação dos capitães e do próprio imperador. Uma gargalhada de deboche ressoou por todo o navio. Era o fim de Cortez, o grande Cortez, vencedor de Montezuma e conquistador de tantas terras, tantas gentes e tantas riquezas para a Espanha...

Ele acabou aqui. Com lágrimas a correr dos olhos, humilhado, batido, liquidado, o grande capitão deixou a sala do Conselho. Era um fantasma de si mesmo.

Uma canção muito em voga na França é a que os soldados franceses cantaram logo após a batalha de Pavia, entre as forças de Francisco I e Carlos V, o «Senhor de la Pallice». O personagem-título era figura de grande destaque na corte de Francisco I e morreu em Pavia.

A canção diz, mais ou menos:

«Morreu o senhor de la Pallice na batalha de Pavia minutos antes da morte la Pallice ainda vivia...»

A autoria da canção é desconhecida.

★

O autor de livros de música recém-falecido aqui em Modena, Ludovico Fogliani, terá, ao que se diz, sua «Música teórica» reimpressa, devido ao sucesso. A informação corre por conta de seu irmão Giacomo, compositor de vários madrigais de muito êxito.

★

Os meios musicais de França estão entusiasmados com o invento de um modesto fundidor desta cidade, Guilherme Le Bé.

Le Bé inventou um processo especial para fundir tipos para a impressão de músicas, tanto para as escritas com pauta, como as de tablatura.

★

Apareceu, recentemente, em Veneza, interessante livro sobre música: «Breve introduzione alla musica misurata», de Giovanni del Lago. Aguardamos a remessa para comentar.

★

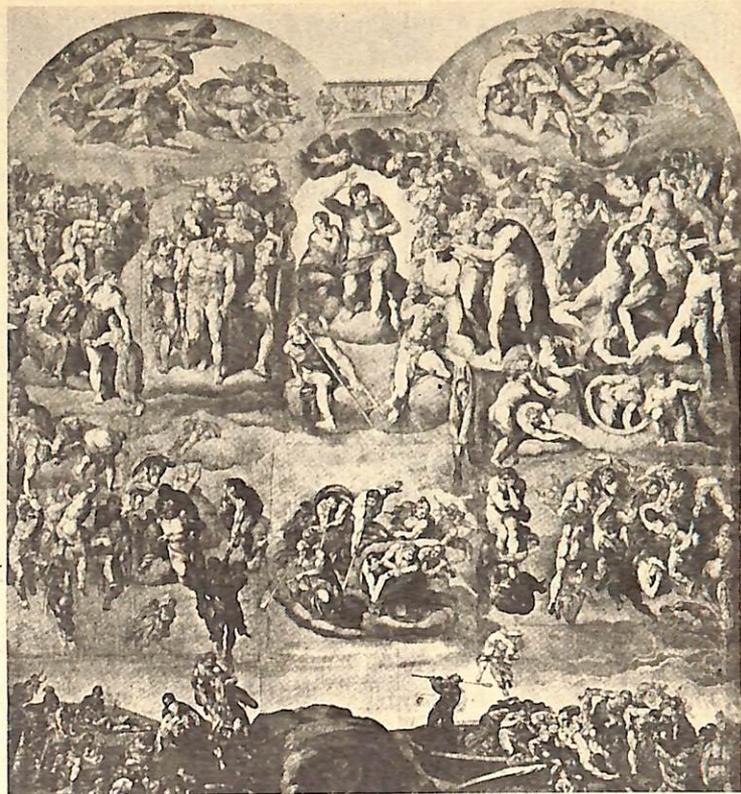
O grande musicista português, Vicente Lusitano, radicado há algum tempo nesta cidade de Roma, está preparando, segundo nos disse, um livro sobre canto firme e seguro, contraponto e concerto.

★

Telegrama recém-chegado de Lyon dá-nos conta da morte de Francisco Layolle, velho mestre de música de Benevenuto Cellini, e autor de algumas missas e motetos, canções francesas e italianas. A notícia entristeceu os meios musicais da Europa.



LA PALICE



«Juízo Final» provoca revolução

Roma, 1541 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL)

O grande Miguel Angelo está provocando uma ruidosa controvérsia em torno de sua maravilhosa obra, agora acabada, o «Juízo Final», pintada na Capela Sistina durante seis anos consecutivos, isto é, desde 1535.

Curioso é que quando contratado pelo Papa para iniciar a obra, Miguel Angelo não escondeu que aceitava o convite mas que, embora regamente pago, ia pintar de má-vontade. Foram paavras suas: «Será obra de um descontente...»

O audacioso trabalho agora terminado representa a História da Humanidade, em todas as formas de agitação, angústia e terror. Dividido em vários episódios esteticamente distribuídos, ele vem provocando os debates mais acesos. No episódio dos bem-aventurados em plena glória, o artista mostra, pela mão dos personagens, os instrumentos com que foram torturados em atitudes que parecem reclamar vingança... Afirma-se — e Miguel Angelo silêncio sobre isso — que, assim, quis ele demonstrar que nem mesmo no céu existe paz...

INFLUENCIA

No final do trabalho, no ano passado, um acontecimento doloroso veio prejudicar o estado de espírito de Angelo. A morte de Vitória Colona, (sobre cujos amores com o artista falamos na coluna social em edição anterior) pranteada por toda Roma, foi particularmente sentida por ele. Dizem que as últimas pinceladas foram dadas sob o efeito dessa perda terrível.

• ARETINO E MIGUEL

Um dos mais escandalosos fatos ligados ao «Juízo Final» é o que envolve o autor e conhecido «cronista social», chantagista confesso e homem de mil duelos, terror de príncipes, damas e até papas, Pedro Aretino, já cognominado «o Infame».

Temido por todos, vivendo em fausto e «estrêla» das reuniões elegantes, Aretino, usando do que considera um direito seu, escreveu a Miguel Angelo uma longa carta, na qual, do alto do seu plumitivo poder, se atreveu de modo superior, a fazer sugestões sobre como o «Juízo Final» deveria ser pintado...

O artista, uma das raríssimas personalidades que enfrentam a chantagem de Aretino, respondeu-lhe com uma carta que está provocando gargalhadas em toda Roma e que enche de ódio o genial pasquineiro.

Miguel Angelo facilitou-nos a leitura de alguns trechos dessa carta. Ei-los: — «Vossa carta me produziu prazer e dor. Prazer por vir de vós, que sois o único, por vossa virtude; e dor porque chegou quando o quadro estava quase terminado e eu não pude aproveitar-me do que concebestes com a vossa imaginação. Creio que se vós tivésseis estado no ato do Juízo Final não o teríeis explicado melhor...»

NO INFERNO

A reação da crítica ao trabalho de Miguel é inteiramente favorável. Todavia, os reparos maliciosos não só de Aretino como de outros «moralistas» sobre a nudez de alguns personagens, poderão resultar em alterações no quadro. Afirma-se mesmo que Jesus e a Virgem, assim como alguns santos, receberão do pincel de Miguel Angelo um pouco mais de roupa.

O genial pintor fez mais uma das suas, quando, durante a execução da maravilhosa obra, teve conhecimento das críticas feitas por Biaggio de Cassena. Este dissera: — «É uma pouca vergonha essa pintura de Miguel. Todo mundo nu...»

Miguel Angelo não respondeu. Tomou do pincel e colocou Biaggio, nada mais nada menos que no Inferno...

O fato causou uma verdadeira onda na cidade, provocando, inclusive, o deboche e o riso dos inimigos de Biaggio. Ele procurou o Papa para se queixar, mas Miguel Angelo, interpelado, respondeu: — «Não posso fazer mais nada. Se ele ainda estivesse no Purgatório haveria um jeito, mas no Inferno não há possibilidade de redenção...»

QUANTO CUSTOU

O «Juízo Final» rendeu a Miguel Angelo 1.200 escudos anuais para toda a vida. É um pagamento régio. O artista se declarou satisfeito e quando este correspondente o cumprimentava na visita que fez à Sistina, dele ouviu o seguinte comentário bem humorado: — «Talvez tenha sido a minha obra mais discutida. Talvez tenha eu de vestir um pouco os meus personagens. Mas, embora tendo executado o trabalho descontente, estou satisfeito com o resultado. Mesmo levando em conta a queda que levei do andaime, o pagamento me renderá pela vida inteira...»

SUICIDOU-SE ROSSO

Trágico desfecho teve, em Paris, o «affaire» Rosso-Pelegrino. Como noticiamos, em nosso número anterior, Rosso, que fora convidado por Francisco I para pintar em França, denunciou Pelegrino como ladrão. Este foi preso e submetido a tortura. Rosso, desesperado, ou arrependido, segundo o depoimento de vários amigos, envenenou-se.

O talento de Rosso era inegável. Foi por seus desenhos que se construiu a grande galeria de espelhos e de estuques de Fontainebleau. Entre as qualidades de sua pintura, os críticos destacavam o fogo, a expressão e a originalidade.

★

PINTURA DE CAPELA

Miguel Angelo vai iniciar, ainda este ano, segundo nos disse, os afrescos da Capela do Vaticano. Em primeira mão podemos dizer o tema de seu trabalho: martírio de São Pedro e a conversão de São Paulo.

★

ARTISTA CRIMINOSO

Milão, dezembro, 1542

Um artista italiano, e que até o ano passado cumpriu pena forçada (como remador das galeras pontificias), foi contratado para os trabalhos de gravação de moedas desta cidade. Seu nome é Leão Leoni. Há tempos, Leão envolveu-se em tramas contra o joalheiro do Papa, Pelegrino Leuti, e foi preso. A intervenção de amigos livrou-o de ter decepada a mão que cizelava belas medalhas, e sua pena foi convertida à de galé. Acabado seu tempo, foi convidado pelo marquês del Vasto para fazer os desenhos das moedas milanesas, e aceitou.

Um crítico de arte a quem comunicamos a notícia teve o seguinte comentário:

«Não me admira que um criminoso seja chamado para pôr de tamanha importância. Afinal, trata-se de um artista de reconhecido valor. Na Itália de hoje nenhum freio contém o gênio impulsivo dos homens e o temperamentalismo, infelizmente, é o meio mais fácil, até para os artistas, pelo qual todos pensam dever impor-se. Veja o exemplo de Cellini...»

★

SERLIO EM PARIS

A chegada do arquiteto bolognês Serlio a Paris é considerada um acontecimento importante nos meios plásticos. Serlio, que veio contratado para certas obras, em Fontainebleau, poderá iniciar os franceses nas regras da arquitetura clássica, muito difundida em seu país.

★

COLUNA MILITAR

ARGOLETES

Os exércitos europeus estão admitindo entre as suas unidades de cavalaria ligeira, companhias de argoletes, mercenários na maioria provenientes da província grega da Argólida. Contam-se entre eles muitos albaneses, dalmatas e mesmo italianos do Adriático. Usam morriões, cotas de armas e altas botas de couro de gamo que lhes vão acima dos joelhos. Suas armas constam duma longa espada, duma maça de armas pendurada do arçao da sela e de um arcabuz potente de um metro de comprimento. Tanto combatem a pé como a cavalo. Empregam-se taticamente como patrulheiros, batedores e forrageadores. Os chefes militares queixam-se, porém, de sua indisciplina, pois se organizam em fraternidades ou irmandades, que, muitas vezes, desprezam os regulamentos militares. Dai muitos oficiais estarem aconselhando aos seus governos que sejam dispensados do serviço.

ARMA DESAPARECE

Nota-se que, das tropas a pé, está nestes tempos desaparecendo uma arma branca e curva, espécie de pequena cimitarra, trazida do Oriente desde o tempo das cruzadas pelos flamengos, e denominada badelaria ou bazelaria. Também se dizia baudelaria. A palavra veio do baixo latim bazilarius, porque fora a arma de certos corpos da guarda do basileus ou Imperador de Constantinopla. As badelarias generalizaram-se desde o século XIV até os tempos presentes nas infantarias da Europa. Agora começam a ser substituídas por sabres e machetes, menos curvos e mais resistentes.



UM ARGOLETE

NOVAS ESPADAS

Os armeiros europeus estão atualmente pondo em voga um novo tipo de espadas de combate que denominam bastardas, as quais são leves e têm o punho e a guarda de tal modo simplificados que elas podem ser manejadas tanto com a mão direita quanto com a esquerda. Elas correspondem mais ou menos ao tipo de arma branca que na antiga armaria se chamou de meio-espada. Sua maior vantagem está na forma da lâmina que permite aplicar com a mesma vantagem golpes de gume e golpes de ponta, isto é, o talho e o estoque.

Algumas vezes essas novas espadas trazem aposta às suas bainhas, uma bainha menor contendo uma lâmina de tamanho reduzido, verdadeiro punhal minúsculo, ao qual chamam os armeiros bastardinho.

REPÚBLICA EVANGÉLICA

Genebra, 20, novembro, 1541

Redigidas por Calvino, de acordo com seis membros do pequeno e do grande Conselho de Genebra, foram hoje aprovadas e tornadas públicas as «Ordenações eclesiásticas» que, com força de lei, traçam as linhas mestras para o funcionamento da «República Evangélica» de Genebra.

Começam a se fazer sentir, em toda a sua dureza ascética e intransigente, as disposições, puritanas ao máximo, que o já chamado «calvinismo» transforma em regime de vida para toda a população.

Sabe-se agora que para retornar a Genebra e assumir o governo da cidade com mão firme, para garantir a sua liberdade dentro dos conflitos europeus, Calvino exigiu inteira e total carta branca.

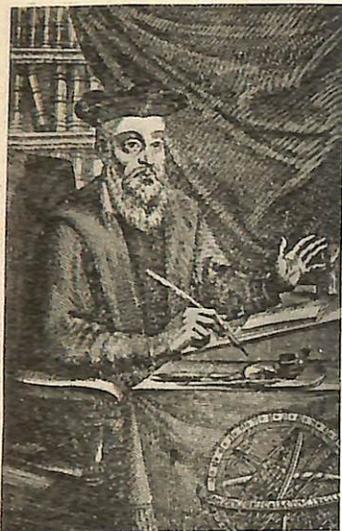
"Deus fala

130 dias de Santa Catarina a Assunção

Assunção, 11, março, 1542 (Do nosso enviado especial junto à expedição de Cabeça de Vaca)

pela

minha boca"



NOSTRADAMUS

«Deus fala pela minha boca»

Salon-de-Provence, 1541 (Do correspondente)

Astrólogo e adivinho desta cidade, Miguel Nostradamus previu estranhos acontecimentos a um rei de França.

Nostradamus, que faz suas profecias em verso, disse: «um rei, separado de sua mulher, será preso ao voltar. O conflito estalará nas Tulherias. A prisão ocorrerá por cinco céntimos. Um traidor será afastado: Narbon. Saue dará por poltrona latas de azeite. O rei receberá na cabeça uma condecoração».

O teor da previsão, embora confuso e enigmático, está tendo viva repercussão. O BRASIL EM JORNAL ouviu de Nostradamus os seguintes esclarecimentos:

— O rei provavelmente perderá a cabeça, tal como a rainha. Os nomes que mencionei são de personagens importantes para o desfecho da história, embora apagados como pessoas. Narbon será um ministro deste rei infeliz. Saue talvez seja um comerciante que contribuirá para a prisão real. A condecoração a que me refiro poderá ser uma troca dos inimigos».

Concluindo, Nostradamus recitou:

«— Deus se serve de mim
Para anúncio da verdade,
Se a profecia se cumpre
Agradeça à Divindade.»

«CHERCHER LA FEMME»

Roma, 1542 (Do correspondente)

Muitos já duvidam das vantagens de se consultar os astrólogos. E argumenta-se com o que sucedeu a Lucas Gauric, celebrado matemático e astrólogo italiano.

Um irmão de Lucas, Pompônio, bom poeta, desapareceu inesperadamente no curso de uma viagem de Sorrento a Castelamare. O astrólogo, por mais que consultasse os astros, não teve notícia do irmão, que já está desaparecido há 10 anos. Os mais atrevidos dizem mesmo que, no caso de Pompônio, é preciso «chercher la femme» e deixar o céu tranquilo...

Acaba de chegar a esta vila do Paraguai o adelantado e governador do Rio da Prata, D. Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, à frente da expedição com que, por ordem do rei da Espanha, bateu os sertões entre a costa e o rio Paraguai, em busca dos restos da malograda frota de D. Pedro de Mendoza. Sua escolha para essa missão se deve à celebridade que conquistou na odisséia de exploração da Flórida, do Mississipi e do México durante 9 anos. (Ver nº 6 deste jornal).

A 2 de novembro de 1540, com 2 naus e uma caravela transportando 400 homens bem armados, deixou o adelantado, depois de receber 8 mil ducados de ouro, o pôrto de Cadiz. A 11, fundeou em Palma das Canárias, onde permaneceu 25 dias à espera de vento favorável para a travessia do Atlântico. Só a 6 de dezembro rumou para o sul. Em pleno oceano abriu-se o costado da nau capitânia, cujos porões foram invadidos pela água, tendo-se estragado os mantimentos. A poder de bombas, conseguiram os marujos levá-la até S. Tiago de Cabo Verde, onde chegou a 16 de dezembro.

O GRILLO FALANTE...

Retomada a rota pelo Atlântico, após a travessia do equador, um grilo anunciou a costa do Brasil. Era noite quando o pequeno inseto se pôs a cantar vivamente. Havia três dias que a água escasseava para homens e cavalos. Precisava-se chegar breve a qualquer terra. O canto do grilo na escuridão noturna alertou-nos. Dentro em pouco ouvimos o rolar das ondas nas praias. Estávamos, ao amanhecer o dia, diante de Cabo Frio. Cos-

teamos o litoral até o pôrto de Cananã, onde ancoramos. O adelantado tomou posse do lugar em nome do rei de Castela.

A expedição atravessou a baía de Babitonga ou S. Francisco e deteve-se na ilha de Santa Catarina. Dos 46 cavalos embarcados em Cadiz só restavam 26 que muito espantaram os indígenas. Receberam bem os espanhóis, que ali acamparam para repousar. Entre os índios encontramos dois catequistas franciscanos, o cordovês Frei Bernardo d'Armenta e o canarino Frei Afonso Lebron.

O repouso da expedição durou até maio de 1541. Então, o adelantado enviou socorros aos espanhóis do Rio da Prata na caravela sob as ordens de Felipe Cáceres, que regressou impossibilitado de cumprir a missão, pelo mau tempo. Em pequeno barco, porém, chegaram à ilha de Santa Catarina 9 cristãos fugidos de Buenos Aires, onde a situação em matéria de víveres e recursos melhorara. João de Aiolas, que dali saíra para reconhecer o interior, fora morto pela índia. Tendo feito pazes com os índios Cariós, os espanhóis haviam fundado a vila de Assunção no rio Paraguai.

A MARCHA

Apressou-se Cabeça de Vaca a penetrar os sertões. Enviou para reconhecimento o feitor Pedro Dorantes, seu antigo companheiro na Flórida que, ao fim de 3 meses, regressou, descrevendo os rios, campos e serras que explorara. Cabeça de Vaca deixou em Santa Catarina 140 pessoas, que deviam seguir por mar para Buenos Aires. Com os soldados e os cavalos atravessou o estreito entre a ilha e o continente, na foz do Itabucu, tomou posse das terras em nome de seu soberano, como país novamente descoberto.

A 2 de novembro de 1541, encetamos a marcha de penetração. Rompemos a Serra do Mar e os campos de Curitiba sem perder um homem. Depois, alcançamos a região dos pampas, bem recebidos nas aldeias dos chefes guaranis Amirim, Cipoai e Tocanguaçu. Cabeça de Vaca tomou posse daquela extensa zona sob o nome de Província de Vera. Fomos os primeiros homens brancos a avistar as portentosas quedas de água do Iguacu. Atravessamos o rio e na maloca do tuchau Tapapiraçu, no rio Tibagi, o capitão encontrou um índio já domesticado e batizado, de nome Mfguel, que voltava de Assunção para a costa do Brasil, onde morava, o qual lhe deu notícia da precária situação dos espanhóis naquela aldeia.

Cabeça de Vaca despediu os índios amigos que o vinham acompanhando desde Santa Catarina e alcançou só com sua gente a aldeia do principal Pubeage, que o recebeu com agrado. A 7 de dezembro, chegava à maloca do chefe Abangobi no rio Pequeri e a 14, na do chefe Tocanguira, através de extensas planícies ricas em matas e abundantes de boas águas.

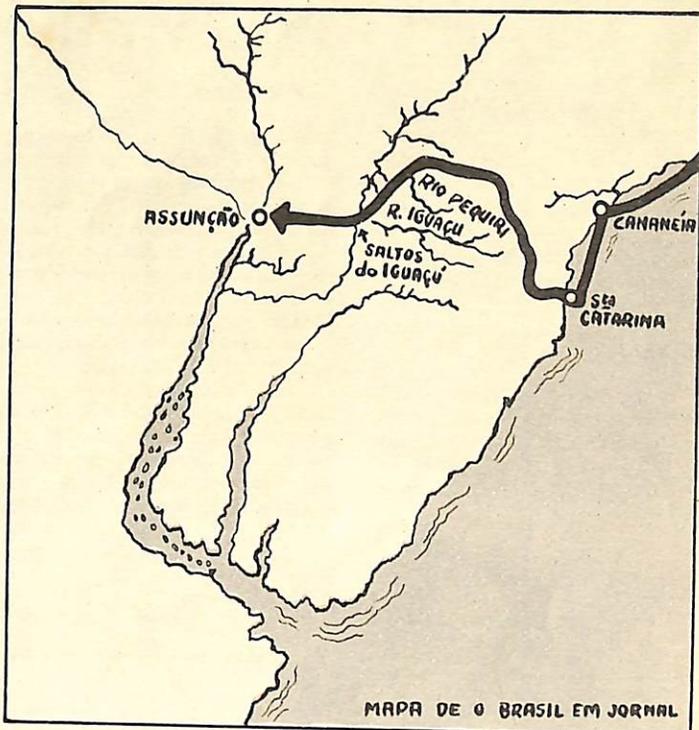
FOME E CHEGADA

Seguiu-se depois uma região árida e deserta. Começou a fome. De 5 de janeiro em diante, alimentamos-nos com as lagartas encontradas nos tabocais. Não faltou felizmente água e, por fim, matamos alguns veados. No dia 10, caminhou-se rumo a oeste entre grande número de tabas de guaranis acolhedores. Do rio Iguatu, o adelantado enviou um índio com uma carta aos oficiais de Assunção. Anunciava-lhes sua próxima chegada.

Deixando 15 homens doentes numa aldeia do rio Piquiri, de 31 de janeiro a 8 de fevereiro de 1542, navegamos em canoas até entrar no rio Paraná. A infantaria ia embarcada, rebocando os enfermos em balsas. A cavalaria seguia pelas margens, apavorando silvícolas.

Foi ao encontro do adelantado um espanhol de Assunção, que o guiou no último trecho da caminhada. Ao amanhecer, repicando os sinos, entre os vivas da população, chegou D. Alvar Nuñez Cabeça de Vaca e tomou logo posse do governo, provendo as nomeações dos cargos vagos nas magistraturas locais.

De Cadiz a Santa Catarina, levou a expedição 1 ano, 4 meses e 9 dias; de Santa Catarina a Assunção, 4 meses e 9 dias.



MAPA DE O BRASIL EM JORNAL

JORNAL ECONÔMICO

AÇÚCAR DO BRASIL

Embora os números relativos à exportação do açúcar sejam mantidos em grande sigilo, podemos adiantar que os plantadores estão satisfeitos com o aumento dos preços do produto. Em 1506, o produto sofreu enorme baixa. A arroba caiu a 300 réis, cerca de 2 gramas-ouro. Nos dois últimos anos, mesmo com a produção bem superior à dos anos anteriores, os preços quase dobraram. Informes de Portugal dizem que a produção do Brasil já começa a ameaçar a das ilhas açucareiras.

MAO-DE-OBRA

As ordens religiosas na Espanha, segundo cálculos seguros, absorvem cerca de 3,5% da mão-de-obra da população do país.

★

PRATA DA AMÉRICA

A quantidade de prata que tem sido enviada da América para a Europa (Espanha), a partir do fim de 1540, é, aproximadamente, de 300 toneladas, por ano.

★

BOM NEGÓCIO

Nosso correspondente na França manda nos dizer que uma das indústrias mais prósperas, naquele país, é a de modas. Os investimentos em bordados, passamanarias e galões dourados são altamente compensadores. Mas os dados são escassos. Sabe-se, apenas, que Paris é, das cidades da Europa, a que mais dinheiro gasta em roupas.

BRASIL x PERU E MEXICO

Para cada vintém de artigos mandados do Brasil para Portugal, corresponde 9 vinténs de mercadorias mandadas do Peru e do México para a Espanha.

A disparidade e o desequilíbrio decorrem exatamente da exploração de prata e ouro, metais em que as terras brasileiras são muito pobres pelo menos no litoral.

DANÇA



Roma, agosto, 1542 (Do correspondente)

Em bailes realizados no último carnaval, nesta e noutras cidades da península, este correspondente pôde notar o abastardamento da dança dita de salão. Os pares rodopiaram freneticamente e poucos passos delicados foram notados.

A dança sofre uma influência notável das camadas populares. Milão, célebre noutros tempos pelos bailes de Galeatto Sforza, não escapou à razão. O que os dançarinos querem é bater no chão com movimentos rápidos e às vezes violentos. Este tipo de dança, conhecido como «alto» (talvez porque o pé se eleve mais do que o necessário), embora não tenha a beleza dos passos resvalados e sem grande agitação muscular, é muito animado e fez sensação nos folguedos carnavalescos. As gravuras dão uma idéia aproximada do que foi o carnaval na Itália, popular e nobre.



Morre Jacques V

Edimburgo, Escócia, dezembro, 1541 (Urgente)

A situação neste país é muito grave, uma vez que o rei Jacques V vem sendo vítima de uma pressão tremenda da Inglaterra e dos nobres convertidos à Reforma, em seu reino, no sentido de romper com a Igreja de Roma. Jacques tem resistido a tudo e a todos e, apesar das tentativas e ameaças, se mantém fiel à Igreja Católica Romana. Ele foi coroado rei com apenas 3 anos, como noticiamos em nosso primeiro número (quando saiu errado seu nome: James em vez de Jacques). Viúvo de uma filha de Francisco I de França, Madalena, tornou-se a casar com Maria de Lorraine, irmã dos famosos e poderosos Guise, permanecendo assim em sua posição francamente ao lado dos galeses.

ESCOCESES TRAIIDOS

Solway Moss, 24, novembro, 1542 (Urgente) — Sob o comando de Henrique VIII, as tropas inglesas esmagaram hoje os frágeis exércitos da Escócia comandados por Jacques V. Os escoceses foram traídos por seus próprios patrícios, os nobres reformados que se recusaram a lutar ao lado do rei católico. Podemos informar com segurança que Jacques V está às portas da morte, sendo muito difícil que consiga, no estado em que o vimos depois desta fragorosa derrota, ver a alvorada de um novo ano.

NASCE UMA HERDEIRA

Linlithgow, Escócia, dezembro, 1542 (Urgente) — Enquanto Jacques V agoniza em seu leito de dor, Maria de Lorraine, sua mulher, dá à luz uma filha nascida às primeiras horas de hoje. A reportagem credenciada junto ao Palácio pôde apurar, em meio à confusão gerada pela grave situação política internacional e pelas próprias ameaças internas dos príncipes protestantes, que a herdeira tomará no batismo o nome de Maria Stuart.

Um detalhe interessante é que a menina é de alta estatura e pesa mais que o normal das crianças recém-nascidas.

MORTO O REI!

Edimburgo, 20, dezembro, 1542 (Urgente) — A Escócia sofre um tremendo golpe com a morte de Jacques V, o rei católico. A independência do país está seriamente ameaçada pela Inglaterra, não se esperando que Maria de Lorraine, agora reinando, uma vez que sua filha Maria não tem mais que alguns dias de nascida, mais que alguns dias de nascida, consiga preservá-la não só a religião católica como a própria autonomia escocesa nesta ilha.

FRANÇA E ESPANHA NOVAMENTE EM GUERRA

Paris, 30, agosto, 1542 (Urgente)

Um édito hoje aprovado pelo Parlamento determina impiedosa perseguição, prisão, julgamento e morte dos chamados heréticos, isto é, dos seguidores das novas doutrinas reformistas.

Já em várias cidades francesas têm sido queimados protestantes de várias seitas, enquanto em todo o país se agrava dia a dia a luta religiosa.

INQUISIÇÃO DOMINA ITÁLIA E PORTUGAL

Roma, junho, 1542 (Do correspondente)

«O povo e a nobreza de Portugal detestam o rei d. João III e o estado do país é considerado péssimo.»

Esta informação foi colhida nas instruções do Sumo Pontífice ao novo nuncio para aquele país, o bispo de Bérgamo, Luís Lippomano.

O nuncio, que vai a Portugal tratar da delicada questão religiosa (a nomeação do infante D. Henrique como inquisidor-mor foi considerada ilegal por Paulo III), informou-nos, também, que o Papa recomendou cuidados especiais com determinados conselheiros do rei.

OS RESPONSÁVEIS

«Os homens que cercam D. João III são responsáveis pelo estado de coisas existente no país, disse-nos Lippomano, antes de partir. Reconhecemos que de algum modo se justificam certos excessos dos tribunais, mas o principal é que haja acatamento às ordens de Roma. Contaram-me, há dias, que os judeus de Portugal não diminuíram em audácia, apesar de todos os riscos. Uma sinagoga israelita foi descoberta em pleno centro da cidade. Para tais delitos, justifica-se a punição, mas uma punição com foros de legalidade. Espero, concluiu, que minha missão seja feliz.»

ACUSAÇÕES AO NÚNCIO

Lisboa, junho, 1542 (Do correspondente)

Revelou-se, oficialmente, o inteiro teor de uma carta do em-

Paris, junho, 1541 (Do correspondente)

Uma espetacular reviravolta política acaba de sofrer a política interna francesa: caiu o condestável Montmorency, o todo-poderoso comandante e «homem forte» da França enquanto seu maior adversário, o almirante Chabot de Brion, foi libertado e reintegrado em suas funções!

Chabot é o mesmo que, segundo noticiamos em edição anterior, havia sido condenado como peculatório e pôsto na Bastilha. O fracasso da política de paz com Carlos V, mantida e patrocinada por Montmorency, levou Francisco I a alijá-lo de todos os comandos e honrarias, fazendo com que ele se retrasse agora para os seus domínios.

Um dos seus lugares-tenentes, o chanceler Poyet, teve pior sorte, sendo condenado a 3 anos de Bastilha. Chabot de Brion, apesar do processo sofrido e da sua fama de concussionário, retorna aos postos anteriormente exercidos, unicamente pelo jogo político efetuado por seus aliados no momento em que a França se prepara para entrar em guerra novamente.

GUERRA A VISTA

Paris, 30, julho, 1541 (Urgente)

Francisco I reuniu seu conselho e seus generais depois de uma crise de cólera provocada pela notícia do assassinato de dois de seus embaixadores às margens do rio Pó, na Itália. Eram eles o genovês Fregoso e o francês Rincon, que se dirigiam a Constantinopla, onde iam entrevistar-se com os chefes do Império Otomano.

Ninguém tem dúvida de que os assassinos dos dois enviados do rei de França estavam a serviço do marquês del Vasto, comandante espanhol na Itália.

Sabe-se que um outro embaixador foi enviado a Constantinopla e Veneza. Trata-se de Pollin de la Garde, que, entre outras missões, levou a de conseguir que Veneza se retire da coligação antiotomana.

Apesar de todas as promessas verbais e garantias dadas a Carlos V, ao Papa e aos príncipes alemães, Francisco I mantém intactas suas relações e alianças comerciais e militares com os turcos. Agora, quando, como noticiamos na edição anterior, a entrega de Milão ao filho de Carlos V fez com que mais uma vez a guerra venha bater às portas da Europa, essas alianças serão mais fortes que antes.

Chegam aqui rumores de conferência de Ratisbone, diante da qual o imperador espanhol vem tentando mobilizar seus inimigos protestantes contra os otomanos, procurando, ao mesmo tempo, lançá-los sobre o aliado da véspera, Francisco I.

Esta cidade, que ainda ontem recebia de braços abertos Carlos V, está assistindo a intensos preparativos para o retorno à guerra contra ele.

FRANCESES PREPARADOS

Fontainebleau, 29, novembro, 1541

Não resta a menor dúvida de que Francisco I se prepara para nova guerra contra Carlos V. Hoje foi assinada aqui uma aliança militar entre o rei de França e Cristiano III da Dinamarca, contra o imperador romano-germânico.

Notícias chegadas a Paris informam que Carlos V sofreu uma grande derrota no ataque a Alger. Desconhecem-se detalhes, sabendo-se apenas que Carlos perdeu parte da grande frota e Barbarroxa saiu totalmente vitorioso, garantindo o predomínio otomano no Mediterrâneo.

ALIADOS DA FRANÇA

Paris, 1542 (Do correspondente)

Na nova guerra entre Carlos V e Francisco I, o rei de França conta com preciosos aliados: Suécia, Dinamarca, Escócia, Império Otomano, alguns príncipes alemães, principalmente Guilherme de Clèves, ex-cunhado de Henrique VIII, que, por sua vez, está praticamente aliado a Carlos V.

O duque de Clèves desde o ano passado iniciou hostilidades contra a Espanha, abrindo uma frente em Gueldre, enquanto Van Rossen invade Brabant e Cristiano III, não contente de praticamente fechar os mares dos Países-Baixos, ameaça as costas dessas regiões que fazem parte dos vastos domínios do império romano-germânico.

O mais estranho neste momento é a posição do Papa, que se inclina mais para Francisco I que para Carlos V.

DECLARADA A GUERRA

Paris, 12, julho, 1542 (Urgente)

Francisco I vem de declarar

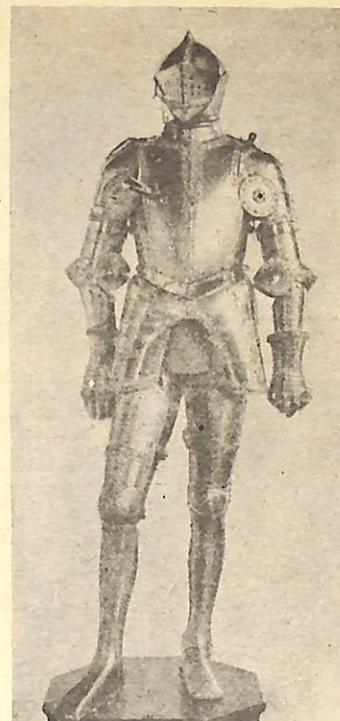
Francisco I quer ver testamento de Adão...

Paris, 1541 (Do correspondente)

«O sol nasce para os outros tanto quanto para mim. Eu queria muito ver a cláusula do testamento de Adão que me exclui da divisão do mundo...»

Estas palavras foram pronunciadas pelo rei de França, Francisco I, em Fontainebleau, respondendo a um embaixador de Carlos V que fazia ver a Sua Majestade que «não é possível continuar a França a descobrir terras que, como as dos novos mundos, pertencem a Portugal e Espanha».

As últimas viagens dos navegadores Jacques Cartier, Roberval e outros, assim como a pirataria praticada por corsários franceses contra navios espanhóis e portugueses, constituiram o motivo principal das queixas formuladas pelo embaixador.



CARLOS V

Debaixo da armadura predileta, pronto para o combate

oficialmente nova guerra a Carlos V. As hostilidades já estão praticamente rompidas em vários pontos. O pivô da questão, como sempre, é Milão.

Volta a Europa a «ouvir» em toda a sua plenitude o canto macabro dos «galos dos reitres»...

COMANDO ESPANHOL

Valadolid, 1542

O comandante-em-chefe das forças espanholas na nova guerra contra Francisco I é o marquês del Vasto. Ele foi o responsável pela salvação de grande parte do exército de Carlos V na trágica retirada da Provença, detalhadamente noticiada por este jornal, quando da última fase da guerra franco-imperial. Del Vasto exerce agora o governo do ducado de Milão.

OCUPAÇÃO

Luxemburgo, agosto, 1542 (Urgente)

Esta cidade dos Países-Baixos vem de ser ocupada pelas tropas francesas comandadas pelo duque de Orleans.

PERPIGNAN RESISTE

Perpignan, dezembro, 1542 (Do correspondente de guerra)

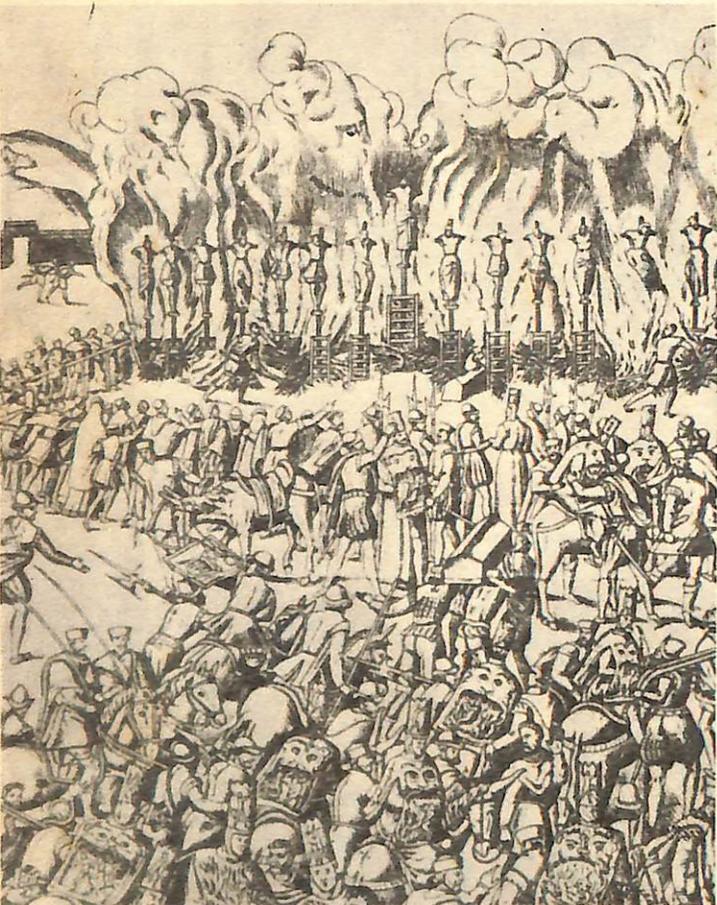
Esta cidade resistiu bravamente ao assédio das numerosas tropas francesas comandadas pessoalmente pelo herdeiro da Coroa francesa, o príncipe Henrique. Apesar da pequena guarnição, contaram os defensores com enormes quantidades de canhões e munições que permitiram fazer fracassar redondamente a investida em massa dos gauleses, uma vez que Francisco I fez concentrar todos os seus esforços sobre esta praça.

AMEAÇA

Paris, dezembro, 1542 (Urgente)

Reina grande preocupação com as notícias vindas de todas as frentes de batalha. Os exércitos imperiais estar-se-iam preparando para invadir a França em diversos pontos, depois de terem repellido a maior parte das ofensivas francesas.

Os humoristas da cidade estão fazendo circular anedotas de guerra cujo tema principal lembra a passagem festiva de Carlos V por esta cidade há dois anos apenas... Dizem: — «Deus queira que desta vez ele não retorne de armas nas mãos...»



BRASEIRO HUMANO

Os «autos-de-fé» enchem de terror toda a Espanha. Na foto, flagrante de um deles com dezenas de hereges queimando nas fogueiras. Cenas idênticas se repetirão em Itália, Portugal e França.

Nova arma contra as heresias foi criada, hoje, nesta cidade: o Tribunal Supremo da Inquisição. Atribui-se o novo instituto às representações energicas de Inácio de Lolola.

Na bula de criação, datada de hoje, foram nomeados os cardeais Carafa e de Burgos e mais quatro príncipes da Igreja para as funções de supremos juizes inquisidores.

O cardeal Carafa, logo após a lavratura da bula, declarou-nos que ia iniciar a construção nesta cidade de um edifício-sede para o novo tribunal.

Outra informação de Carafa: o teólogo Teófilo de Tropea será o comissário-geral da instituição.

CONTRA OS JUDEUS

Lamego, agosto, 1542 (Do correspondente)

No pelourinho desta cidade apareceu curioso cartaz. Trata-se de uma espécie de programa, de um poeta popular, sobre a maneira de agir contra os numerosos judeus desta cidade. Nêle, os judeus mais destacados de Lamego são separados em dois grupos: o primeiro de instrumentistas e o outro de dançarinos. A cada um se assinala o lugar em que deve ir no auto-de-fé. Os primeiros períodos do programa podem dar uma idéia da índole de quem o escreveu:

«Agradecemos a Deus por podermos tirar vingança desta raça canina, herética e incrédula. E visto que esperamos aqui a Inquisição (no Lamego está para breve a criação do primeiro tribunal), ordenemos uma invenção com que a possamos receber condescimentos». O ambiente na cidade é de terror.

MAIS QUE A INQUISIÇÃO

Lisboa, outubro, 1542 (Do correspondente)

Continua acesa a luta contra os hereges. O rei D. João III baixou ordens proibindo à Casa dos Vinte e Quatro que os judeus ou cristãos-novos possam ser eleitos mestres de qualquer ofício mecânico.

«O rei val mais longe que a Inquisição», declarou a O BRASIL EM JORNAL uma alta personalidade judia.

EM VENEZA

Veneza, dezembro, 1542

A Inquisição está funcionando muito medrosamente nesta república. A situação política e os problemas econômicos agravados ultimamente não permitem que se leve muito longe o combate à heresia. Uma grande parte dos comerciantes e navegadores que por aqui passam todos os dias tenderia a se afastar de Veneza, uma vez que eles representam uma série de crenças, seitas e convicções.

Desta forma, a 24 de outubro passado o Papa resolveu reconhecer o direito de três assessores leigos se sentarem junto aos juizes eclesásticos para julgarem os crimes de heresia. Assim, o nuncio e presidente do Tribunal do Santo Ofício, Giovanni de la Casa, não tem feito mais do que queimar livros, uma vez que não se chega sequer a pensar na possibilidade de condenar hereges à fogueira.